

## A modernidade na penumbra: sobre o filme *Tokyo!*

Vinícius Gomes DAMAZIO<sup>1</sup>  
Jorge Lucio de CAMPOS<sup>2</sup>

*“A tarefa não é tanto ver o que ninguém ainda viu, mas pensar o que ninguém pensou sobre o que qualquer um vê”.*

(Arthur Schopenhauer)

### Resumo

O presente artigo faz uma breve descrição e tece alguns comentários sobre os três segmentos – dirigidos por Michel Gondry, Léos Carax e Bong Jong-ho – do filme *Tokyo!* (2008), destacando como um de seus principais pressupostos, a questão do comportamento humano e dos termos de sua inserção simbólica no espaço urbano contemporâneo.

**Palavras-chave:** Cinema. Cidade. Comportamento humano. Contemporaneidade.

### Introdução: a cidade-personagem

Lançado em 2008, *Tokyo!* sintetiza as visões de três cineastas estrangeiros acerca da atribulada e movimentada capital japonesa. Espécie de tríptico cinematográfico, o filme reúne um time deveras incomum, composto pelos franceses Michel Gondry e Léos Carax – o primeiro, famoso por *Eternal sunshine of the spotless mind* (2004), e o segundo, meio que sumido desde *Pola X* (1999) – e o sul-coreano Bong Jong-ho, responsável pelo elogiado *Salinui chueok*<sup>3</sup> (2003).

---

<sup>1</sup> Graduando de Comunicação Social da UFF.

<sup>2</sup> Doutor e Pós-Doutor em Comunicação e Cultura (História dos Sistemas de Pensamento) pela UFRJ (1996). Professor do Programa de Pós-graduação (Mestrado) em Design da ESDI/UERJ.

<sup>3</sup> “Memórias de um assassino”.

Dirigido por Gondry, o primeiro segmento (intitulado *Interior design*) é, na verdade, uma adaptação de coletânea *Cecil and Jordan in New York*, assinada por Gabrielle Bell, uma referência no meio alternativo das HQ cujo estilo surrealista, marcado pela melancolia, povoa uma narrativa, muitas vezes, semi-autobiográfica.

A evasividade e a falta de autoconfiança são traços quase que inatos da personalidade de seus protagonistas (geralmente femininas), amiúde marcados por uma tèmpera existencialista que remonta a Sartre e, principalmente, a Simone de Beauvoir a quem Bell costuma aludir ao explorar – à maneira de *Le deuxième sèxe* (1949) – temas como a liberdade individual, a responsabilidade, a existência e a subjetividade.

A história revolve a vida de Hiroko e Akira, um casal criativo cheio de sonhos e com poucos recursos que acabou de se mudar para Tóquio. Ele é um cineasta sem dinheiro e ela alguém que aprecia a arte e a fotografia, mas não sabe muito bem o que fazer com isso. Akira consegue florescer enquanto Hiroko luta para encontrar um emprego. Contudo, ao se questionar se, de fato, tem algo a oferecer ao mundo, ela acaba por se “transformar” numa cadeira.

O trecho de Bell – embora tenha sido, originalmente, concebido para a ambiência nova-iorquina – serviu para caracterizar Tóquio. A pequena dimensão dos apartamentos, o imenso movimento das ruas ou o sólido sentido de organização da sociedade nipônica só vieram realçar a sensação alienante intrínseca a *Cecil and Jordan in New York*.

Aspectos de cidade se confundem com o caminho e as decisões do casal. A locação e as noções de espaço tem tal predominância que se tornam um personagem extra, visível a cada reviravolta da narrativa. A atriz Ayako Fujitani, filha do ator estadunidense Steven Seagal, foi escolhida para o papel de Hiroko, justamente por ser muito parecida com a personagem dos quadrinhos. O ator Ryō Kase, conhecido por sua participação em *Cartas de Iwo Jima* de Clint Eastwood, interpreta Akira.



Fotograma de *Tokyo!* (2008).

### **O devir-coisa**

Apesar de alguns filmes de Gondry tenderem a explorar o lado psicológico dos relacionamentos amorosos – caso de *The science of sleep* (2005) e do já citado *Eternal sunshine of the spotless mind* – eles não chegam a atingir o realismo de que *Interior design* se apropria.

Hiroko sofre mais por se sentir abaixo de seu parceiro do que por sua indecisão quanto ao futuro. Enquanto vivem dos favores de Akemi, uma amiga, ela perde o carro de ambos, não consegue se empregar e todos os apartamentos pelos quais podem pagar se encontram infestados por baratas ou animais mortos.

O segmento enfatiza a queda psicológica e pessoal de Hiroko. Num momento crítico – após a estreia catastrófica do filme de Akira num cinema pornô alugado – uma senhora dá o ponta-pé inicial para a sua completa perda emocional, ao dizer que “relacionamentos com artistas são difíceis. Eles podem ser muito exigentes. Uma vez eu saí com um pintor. Ele estava sempre trabalhando ou falando sobre seu trabalho. Eu me sentia invisível. Mas quando ele fazia suas exposições com todas aquelas pessoas, eu percebia que sua arte era mais importante que meus problemas”.

Naquela mesma noite, enquanto todos pareciam dormir, Hiroko ouve uma conversa de Akemi com o namorado que viera à cidade visitá-la. Entre reclamações sobre a longa estada do casal, esta diz: “Hiroko é que é o problema. Ela não faz nada o dia todo, só corta figuras das minhas revistas”.

Por não “fazer nada” numa sociedade que identifica uma pessoa por seus rótulos ocupacionais, sua auto-estima desaba de vez na gelidez da cidade. Gondry se vale, então, de seus recursos cinematográficos para recriar a cena dos quadrinhos em que Hiroko passa por uma metamorfose kafkiana e se torna uma cadeira.



A metamorfose em *Cecil and Jordan in New York*.

A transformação se dá em meio a uma trama até ali verossímil. Em vez de quebrar algo, gritar ou discutir, a maneira encontrada por Hiroko, para melhor expressar sua sensação de alheamento, será distorcer a própria realidade. O efeito deixa de ser meramente visual para se tornar, em essência, poético. Parte da magia do filme se deve, justamente, a isso, e também ao fato de o mundo parecer sempre – ao menos nesse seu primeiro segmento – bem fincado em solo firme.



Fotograma de *Tokyo!* (2008).

Com a possibilidade de se transformar numa coisa, Hiroko passará o resto da vida entretida com colagens artísticas e em contato com o círculo de músicos que frequenta sua casa, marcando o que talvez seja o principal viés de preocupação de *Interior design*, a saber, o posicionamento de seres humanos sensíveis numa sociedade, assumida e cruelmente, pragmática e capitalista.

### **O medo do outro**

Merde, o monstro do segmento homônimo dirigido por Léos Carax, encarna a figura do forasteiro definitivo. De fala totalmente inarticulada, essa criatura maníaca, semelhante a um *leprechaun* sob o efeito de anfetaminas, irrompe das profundezas de Tóquio. Após sair de um bueiro, ataca os passantes da forma mais assustadora e descarada possível: come o seu dinheiro, rouba os seus cigarros, assusta velhotas e lambe, lascivamente, garotinhas com uniformes de colégio o que resulta num frenesi midiático que provoca a histeria da população.



Fotograma de *Tokyo!* (2008).

Mais adiante, somos conduzidos aos esgotos da cidade onde, escancarando as feridas de um passado que o Japão ainda tenta esquecer, Merde, após encontrar um carregamento perdido de granadas de Nanking, as lança contra as pessoas, criando uma atmosfera semelhante aos ataques de Godzilla. Carax se vale aí do próprio imaginário *pop*

local para transformá-lo numa versão semi-humana do lagarto mutante, fruto atrapalhado das primeiras experiências científico-militares com a radiação atômica.

A história passa, então, de uma análise aproximada do comportamento de Merde, já capturado e preso, para o entorno social envolto pela *crise*. É nítida a intenção de contenção, espetacularização e regulação por parte do jornal fictício do filme que, com sua cobertura sensacionalista, consegue tornar descartável qualquer necessidade de aprofundamento sobre o caso.

A coisa toda toma ares definitivamente grotescos quando o pomposo e afetado magistrado francês Maître Volland sustenta ser um dos três homens no mundo capazes de se comunicar com Merde. Apesar de sua visível canastrice, ele realmente consegue entender e se comunicar com o louco, agora cliente seu nos tribunais.

Entre batidas na cabeça e tapas no rosto, Merde dispara e vocifera numa língua ininteligível seus motivos para explodir os cidadãos toquianos: “Eles (japoneses) vivem mais e seus olhos parecem com o sexo feminino”. Acaba sentenciado à pena de morte.



Fotograma de *Tokyo!* (2008).

Apesar da história ocorrer no Japão e com uma série de alegorias alusivas à cultura daquele país, a verdadeira questão de *Merde* é mais ampla: o terrorismo e o medo do outro. Ela surge com clareza num dos momentos do julgamento, quando Merde afirma: “Minha mãe era uma santa! Vocês todos a violentaram! E eu sou filho de vocês!”.

Ao falar de sua “mãe”, ele fala da cultura em geral. As falas do tribunal até expõem alguns costumes, como o fato dele nunca ter visto a si mesmo, por seu deus não permitir o uso de espelhos. Gerado como um produto do meio, Merde funciona, na verdade, um atordoante comentário sobre as condições de vida nas sociedades modernas.

### **Considerações finais: o isolamento assistido**

De acordo com o psicólogo Tamaki Saitō, criador da expressão, existem hoje, no Japão, cerca de um milhão de *hikikomori* (algo como “isolado em casa”). Por mais que o fenômeno varie se acompanhado individualmente, nos casos mais extremos, algumas pessoas se isolam por anos e até por décadas. Dos cinquenta mil casos confirmados pelo governo, um terço deles se refere a pessoas com mais de trinta anos de idade.

A alienação leva um *hikikomori* a reagir às situações adversas da vida com o completo isolamento. Geralmente se trancam em seus quartos, apartamentos e casas por longos períodos, sendo que, em alguns casos, ainda mantem vínculos. O processo de retiro se inicia, de forma gradual, com a perda de contato com os amigos, a insegurança e a timidez.

Seu comportamento é semelhante ao exibido pelos portadores de TGDs (transtorno global do desenvolvimento), um grupo de transtornos que inclui a Síndrome de Asperger, o PDD-NOS (transtorno invasivo do desenvolvimento sem outra especificação) ou o autismo clássico. Isso levou alguns psiquiatras a sugerirem que os *hikikomori* podem sofrer de TGDs ou de quaisquer outros que afetem sua capacidade de integração, com sinais um tanto diferentes dos tipicamente ocidentais, em função das pressões típicas da cultura japonesa.

Embora este fenômeno ocorra com ambos os sexos, graças à existência de diferentes expectativas relativamente a meninos e meninas, os casos mais frequentemente relatados são de famílias de classe média e alta cujos filhos – em geral os primogênitos – depois de passarem por uma ou mais experiências traumáticas de fracasso social ou mesmo acadêmico, se recusam a deixar a casa.

Há indícios de que as sociedades avançadas e industrializadas já não fornecem rituais de transformação suficientes e significativos para o amadurecimento simbólico de jovens mais suscetíveis, sendo que, no Japão, a milenar valorização da hierarquia rígida também resulta numa gama de expectativas, responsabilidades e deveres que agrava o problema.

Por outro lado, a inabilidade dos pais em lidar com tal situação acaba funcionando como um gatilho para o surgimento de novos *hikikomori*. Enquanto alguns deles demoram a reconhecer e a agir diante do isolamento dos filhos, outros o sustentam, permanentemente, em quartos ou casas separadas. E esse é o caso abordado pelo terceiro segmento de *Tokyo!*

Em *Shaking Tokyo*, Bong Joon-ho oferece um olhar aproximado da vida de um homem sem nome (como todos os três personagens do segmento) que, há uma década, não sai de seu apartamento. Sua única ligação com o mundo exterior é o telefone que usa para encomendar tudo que precisa para sobreviver, como as pizzas que pede, religiosamente, a cada sábado.



Fotograma de *Tokyo!* (2008).

O senso de organização extremado nipônico é retratado em cada canto do apartamento. As caixas das pizzas ficam empilhadas, assim como os livros e os tubos de cartolina dos papéis higiênicos. O dinheiro para o seu sustento é enviado pelo pai num envelope. Isolado de tudo e de todos, ele acaba negado pela própria família.

Sua vida fantasmática acaba sendo rompida quando ele estabelece contato visual com uma bela entregadora. O contato entre os dois como que abala a cidade que parece responder com um intenso terremoto. A entregadora tomba no interior da casa e fica inconsciente. Bong retoma aqui o tema de Gondry e Bell, examinando o desejo do contato e seu sentido a partir de uma alienação extrema.



Fotograma de *Tokyo!* (2008).

O *hikikomori* descobre que a garota tem botões nos braços e nas pernas. Pressiona o que a faz acordar e ela se vai. Numa romântica, mas clara, crítica, ele, um agredido pelo sistema capitalista e refém do consumismo, se apaixona por uma menina com opções de humor, saúde e emoções semelhantes ao de um cardápio qualquer.

Toda uma semana passa e ele aguarda a chegada do sábado para poder revê-la, mas um outro entregador o avisa, truculentamente, que o seu improvável objeto de afeição se tornara um *hikikomori* como ele.

O retirado acaba saindo às ruas, agora desertas – já que todos também haviam virado *hikikomori* – em busca da menina misteriosa. Como um bebê recém-nascido, ele tem dificuldades até para enxergar o sol e se movimentar. Quando, finalmente, a encontra, Tóquio é atingida por um novo abalo.

Bong indica que sociedades como a japonesa pagam um preço alto por sua tendência ao fechamento. Isso é ilustrado, por exemplo, pela cena em que trabalhadores tentam, com todas as forças, dentro de um trem, não encostar uns nos outros.

Mais que funcionar como uma simples ode a uma cidade, *Tokyo!* se dedica a desvendar sintomas recorrentes entre nós como a angústia e a alienação, ao mesmo tempo que revela problemas aparentemente tão exóticos quanto o da persistência histórica do próprio Oriente, algo ainda pouco assimilável desse lado do mundo.

Quebrando, ao seu modo, a tradição de filmes como *New York stories* (Woody Allen), *Night on earth* (Jim Jarmusch) e *Paris je t'aime* (Olivier Assayas e outros) ele se volta para uma questão que remete, na verdade, à Grécia antiga: somos nós que moldamos a cidade ou é ela que nos faz ser o que somos, tanto para o nosso bem quanto para o nosso mal?

### Referências

- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAUMAN, Z. *Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008
- BITTERS END. “Tokyo! The Movie Directed by Michel Gondry, Leos Carax & Bong Joon-ho”. *Internet*, <http://www.tokyothemovie.com/> (acesso em 6 de junho de 2011).
- COSTA, A. *Compreender o cinema*. São Paulo: Globo, 1989.
- GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GOMES, M. (2003) *Poder no jornalismo: Discorrer, disciplinar, controlar*. São Paulo: Hacker/ Edusp.
- IMDb. “Tokyo! (2008)”. *Internet*, <http://www.imdb.com/title/tt0976060/> (acesso em 5 de junho de 2011).
- MARIE, M. e JULLIET, L. *Lendo as imagens do cinema*. São Paulo: Senac, 2009.
- MATTEI, F. *A barbárie interior: Ensaio sobre o mundo moderno*. São Paulo: UNESP, 2002.
- ROTTEN TOMATOES. “Tokyo!”. *Internet*, <http://www.rottentomatoes.com/m/10010237-tokyo/> (acesso em 2 de junho de 2011).
- TAMAKI, S. (1998) *Shakaiteki hikikomori: Owaranai shishunki*. Tóquio: PHP Kenkyūjo.